

Uma nova década

**Expresso**

Para si que está no Reino Unido,  
tenha Portugal sempre consigo

Assine o Expresso Digital  
por apenas 0,50€ por mês

**Assinar agora**



CULTURA

## Os fantasmas que travam uma guerra dentro de cada um de nós “A Meio da Noite”

27.04.2018 às 21h55





SERGIO CLARO

---

A peça “A Meia da Noite” é a mais recente criação de Olga Roriz, em cena no Teatro Nacional São João entre sexta-feira e domingo. Trata-se de uma dança com a obra do realizador Ingmar Bergman, exaltando guerras interiores travadas por fantasmas individuais, refugiados nos mais insondáveis lugares mentais do ser humano

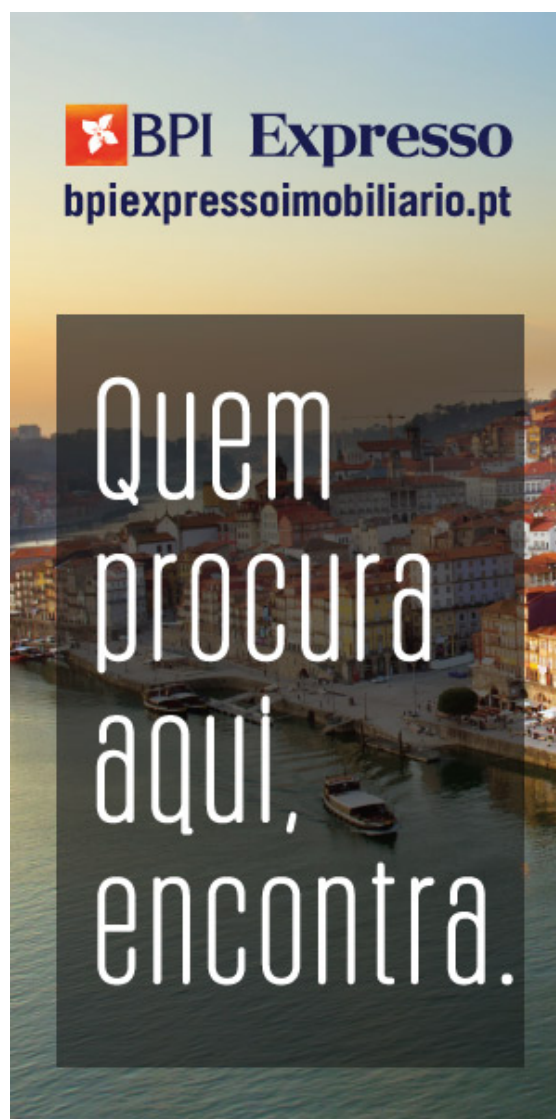
---



**ANDRÉ MANUEL CORREIA**

---





As portas abrem-se. O espectador toma os seus lugares. Apagam-se as luzes e cai a sombra no Teatro Nacional São João (TNSJ). “Ouves o silêncio? É agora que os pesadelos vêm até nós. E, se estamos acordados, temos medo”. O aviso é dado por um dos sete intérpretes que, em palco, se envolvem num bailado introspetivo com fantasmas existenciais, dançando no casamento dos sonhos e dos pesadelos. Tudo isto “A Meio da Noite”, título da mais recente criação de Olga Roriz, em estreia na sala de espetáculos portuense entre esta sexta-feira e domingo (Dia Mundial da Dança). A reputada coreógrafa e bailarina portuguesa lança-se numa busca onírica pelas inquietações que habitam no interior do emaranhado humano, profundamente dissecado pelo realizador Ingmar Bergman. Trata-se de uma viagem sinuosa por guerras individuais, inquietações e ruínas psicológicas de personagens transformadas em masmorras de solidão.

“Fui eu que fui à procura do Bergman ou foi ele que me apareceu? Já não me lembro”, confessa Olga Roriz. Tinha “vinte e poucos anos” quando pela primeira vez assistiu ao filme “Persona” (1966) do cineasta sueco. “Não percebi nada do que aquilo era”, confessa, entre risos, a artista



de 62 anos. A incompreensão não fez, ainda assim, esmorecer o fascínio imediato pela beleza das atrizes Liv Ullman e Bibi Andersson. “Achei o filme muito bonito e depois fui vendo, ao longo do tempo, muita coisa do Bergman”, recorda a criadora que – no ano em que se assinala o centenário do nascimento do autor – encontrou uma “oportunidade para entrar no mundo enorme” de um dos expoentes máximos do existencialismo.

“A Meio da Noite” marca o regresso da Companhia Olga Roriz ao TNSJ e assume-se como uma singular confluência entre a pungência psicológica e uma poética esteticamente suavizada. “É uma espécie de salvação”, considera Roriz, apesar da toada sombria, frisando existir “uma cor pastel que embeleza e amacia este espetáculo, ao mesmo tempo que nos atinge como chapadas”. Ao longo da coreografia, várias imagens filmadas por Olga Roriz vão sendo projetadas, como as pedras recolhidas pela artista na pequena ilha de Fårö, no Mar Báltico, durante o processo de exploração criativa no reduto sueco que encantou o realizador e dramaturgo. “Foi, realmente, uma aproximação à pessoa e aos lugares do Bergman”, acrescenta.

#### **“O QUE ME PREOCUPA É TRATAR AQUILO QUE ESTÁ MAL NA SOCIEDADE E DENTRO DE NÓS”**

Depois de “Antes que Matem os Elefantes” (2016) e “Síndrome” (2017), Olga Roriz volta a explorar questões como a sobrevivência, a guerra e a destruição. A peça – incluída na programação do festival Dias da Dança – espelha igualmente o próprio processo criativo, com os bailarinos a discutirem, a meia-luz, à volta de uma mesa o próprio desenrolar do espetáculo, que é simultaneamente uma “homenagem ao trabalho dos intérpretes e criadores”, explica a coreógrafa.

“Eu e os bailarinos vimos mais de 50 filmes do autor”, conta a responsável artística, para quem o legado de Bergman continua bem atual, tal como os também existencialistas Albert Camus e August Strindberg. “Os problemas do ser humano estão lá todos, porque estamos sempre à procura das mesmas respostas e com as mesmas inquietações. São textos que lemos e parece que foram escritos agora”, nota a diretora da sua própria companhia de bailado.





VERÍSSIMO DIAS

---



Com mais de 40 anos de carreira, Olga Roriz assevera já não se preocupar tanto com a “construção de coreografias e da linguagem”. Porquê? “Já tenho a minha linguagem. O que me preocupa é tratar aquilo que está mal na sociedade e dentro de nós, mas ao mesmo tempo tornar isso em algo belo e poético”, afirma a antiga primeira bailarina da Ballet Gulbenkian, onde esteve entre 1976 e 1992.

“A Meio da Noite” é o resultado de uma coprodução entre a Companhia Olga Roriz, o TNSJ e os teatros municipais de Bragança e Vila Real. A peça com duas horas de duração sobe ao palco esta sexta-feira, pelas 22h, repetindo às 19h de sábado e na tarde de domingo, às 17h. Também no sábado, o Teatro Nacional São João transforma-se num local de aprendizagem, com uma ‘masterclass’ de Olga Roriz agendada para as 14h30.

PUBLICIDADE



**Expresso**  
Liberdade para pensar.

**O ACESSO A INFORMAÇÃO  
CREDÍVEL É CADA VEZ  
MAIS IMPORTANTE**

LEIA O EXPRESSO ONDE  
QUISER E EM SEGURANÇA.

**ASSINE AQUI POR  
APENAS 6€/MÊS**



---

## Conteúdo Patrocinado



### Save them from pain with a hospital bed

57357

MAIS ARTIGOS

